



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE HISTÓRIA**

**MILENNA FERNANDES DA SILVA**

**HISTÓRIA E CINEMA:  
REFLEXÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NO FILME HARRIET  
(2019)**

Porto Nacional/TO  
2023

**Milenna Fernandes da Silva**

**História e Cinema:  
Reflexões sobre a escravidão no filme Harriet  
(2019)**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de História para obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Santos Rodrigues

Porto Nacional/TO  
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586h Silva, Milenna Fernandes da.  
História e Cinema: Reflexões sobre a escravidão no filme Harriet (2019). /  
Milenna Fernandes da Silva. – Porto Nacional, TO, 2023.  
22 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2023.

Orientador: Marcelo Santos Rodrigues

1. Perspectiva. 2. História. 3. Cinema. 4. Escravidão. I. Título

**CDD 901**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MILENNA FERNANDES DA SILVA

HISTÓRIA E CINEMA:  
REFLEXÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NO FILME HARRIET  
(2019)

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de História foi avaliado para à obtenção do título de licenciada em História e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marcelo Santos Rodrigues (Orientador) - UFT

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia Padovan - UFT

---

Prof. Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno - UFT

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Marcelo Santos Rodrigues pela disponibilidade e empenho na orientação dessa pesquisa. A Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional por proporcionar a imersão no conhecimento crítico da sociedade através do curso de História. Aos meus familiares que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha trajetória até o presente momento, não deixando de incentivar a minha escolha profissional. Finalmente, a todas e todos que durante a minha passagem pela Universidade proporcionaram experiências e trocas de saberes para a escolha deste tema e elaboração deste trabalho.

## RESUMO

A escravidão sempre será motivo de discussão na História, pois ela consegue atingir campos inéditos ampliando o conhecimento da História. O objetivo da pesquisa é trabalhar com a temática a partir do filme *Harriet*, produzido em 2019; uma obra cinematográfica que trata da escravidão. Para isso, traçamos uma relação entre a História e Cinema, tornando o filme em uma fonte para o campo historiográfico. A metodologia aplicada aborda os estudos teóricos sobre o uso do cinema em sala de aula como recurso pedagógico na sala de aula. A contribuição da pesquisa busca explorar o tema da escravidão através do filme a luz da História.

**Palavras-chaves:** História; Cinema; Escravidão. Perspectiva.

## **ABSTRACT**

Slavery will always be a subject of discussion in History, as it manages to reach unprecedented fields, expanding the knowledge of History. The objective of the research is to work with the theme based on the film *Harriet*, produced in 2019; a cinematographic work that deals with slavery. To do this, we draw a relationship between History and Cinema, turning the film into a source for the historiographic field. The methodology applied addresses theoretical studies on the use of cinema in the classroom as a pedagogical resource in the classroom. The research contribution seeks to explore the theme of slavery through the film in the light of History.

**Keywords:** History. Movie theater. Slavery. Perspective.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E CINEMA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 O FILME COMO FONTE PARA A HISTÓRIA.....</b>	<b>15</b>
<b>4 A ANÁLISE DO FILME HARRIET, A PARTIR DO DEBATE DA ESCRAVIDÃO ..</b>	<b>18</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com o filme como fonte para o conhecimento da história é uma tarefa desafiadora. A relação da história com o cinema, no mínimo, nos causa certa curiosidade, pois o que se espera dessa relação é uma nova abordagem e um novo olhar sobre temáticas históricas que são trabalhadas em sala de aula. Nosso objetivo é abordar o tema da escravidão, a partir do olhar do cinema e de sua relação com a História, e para isso utilizamos o filme *Harriet*, uma obra cinematográfica estadunidense, lançada no ano de 2019, como objeto de investigação, um filme que aborda a história de uma escravizada que luta para conquistar a sua liberdade e de seus irmãos escravizados.

O cinema exerce, ao longo do século XX até os dias atuais, um papel importante, superando a ideia de mero entretenimento para se transformar em fonte de pesquisa, podendo ser utilizado no ensino de História. Nesse trabalho problematizamos a ideia de que o cinema pode oferecer uma visão sobre determinados temas da História, como no caso da escravidão ocorrida no continente americano durante aproximadamente 300 anos.

O objetivo geral deste trabalho é abordar o tema da escravidão, na sala de aula, através da percepção de como este tema aparece no filme *Harriet*. Os objetivos específicos são: demonstrar a relação entre História e Cinema; apresentar o filme como fonte para a História, tornando-o uma fonte de pesquisa a ser explorada em sala de aula. Por último, analisar o filme *Harriet* no que se refere a escravidão. Dessa forma, o filme apresenta uma importante abordagem a ser trabalhado pela disciplina História. A nossa ideia central é mostrar aspectos da escravidão onde aparece como personagem principal o escravizado estabelecendo uma ligação entre história e cinema.

Partindo dessa hipótese essa pesquisa pretende estabelecer uma relação entre História e Cinema, e através do filme entender como o escravo vivenciou a escravidão. Portanto, pretendemos tornar o filme numa fonte de discussões, debates, estimulando que outros temas históricos também possam ser trabalhados nessa perspectiva. Devemos de tal modo imaginar que a utilização do filme em sala de aula desperte o interesse do aluno (a) como mecanismo de aprendizagem.

Essa pesquisa não pretende, todavia, aprofundar o significado do termo escravidão, mas apresentar a ideia de como o escravizado era tratado na vigência do regime escravista, através do filme *Harriet*. Dessa forma, sabemos que os conceitos sobre escravidão podem variar no tempo e no espaço.

Para uma melhor sistematização do trabalho dividimos ele em capítulos que se complementam e que tem a relação História e Cinema como cenário para a compreensão do nosso objeto. No capítulo primeiro, buscamos estabelecer a relação da História com o Cinema demonstrando a sua trajetória ao longo do século XX. No capítulo segundo propomos a discussão do filme como fonte para a História a partir de sua inserção no debate historiográfico. Finalmente, no capítulo terceiro, analisamos a temática da escravidão presente no filme *Harriet*.

## 2 RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E CINEMA

As relações entre História e Cinema são múltiplas. E elas podem tratar os aspectos do cinema como também temas da história que são apresentados em filmes, desde o surgimento da arte cinematográfica. No início do seu surgimento, o cinema produziu importantes obras, porém, ao longo do século XX, percebe-se a sua conversão numa indústria do entretenimento, sobretudo, com o incremento de tecnologias que o transformou em espetáculo. Sem dúvida, foram os Estados Unidos da América que através de Hollywood passou a disseminar as obras cinematográficas em todo mundo.

Podemos também notar que paulatinamente o cinema passou a se interessar por temas históricos. Muitos filmes inspirados em temáticas históricas se transformaram em obras clássicas do cinema, o que despertou o interesse de historiadores decididos a transformar o cinema em uma fonte de conhecimento a ser utilizado na aprendizagem em sala de aula como suporte didático a História.

Mas é possível que o aluno (a) possa compreender a História através do Cinema? Dentre os diversos aspectos que podemos observar sobre o encontro da história com o cinema, ainda que o filme trate de um determinado tema histórico, devemos ter em mente de que o cinema não pode ser compreendido como um espelho da realidade histórica, mas como uma maneira de abordar uma temática, que auxilie na apreensão da História.

Assim, encontramos no cinema uma ferramenta capaz de trazer novos olhares para a História. Estabelecemos essa relação pois acreditamos que a História e o Cinema podem servir um ao outro no sentido de produzir discussões importantes e, no caso específico desse estudo, ressaltar o seu uso no ensino e aprendizagem em sala de aula. A História, muitas vezes, não é compreendida ou é rotulada como uma área do conhecimento que estuda somente o passado. Enquanto o Cinema, nesse sentido, traz novos olhares que auxiliam a compreensão de elementos da História, que podem ser abordados no presente. (BARROS, 2011).

O trabalho do historiador passa a ser o de moldar o discurso que a História tem do cinema, que de acordo com (YASHINISHI, 2020) um exercício desafiador pela abordagem que o cinema oferece, pois, uma história tímida, sem aberturas, não proporciona nenhum tipo de relacionamento com um método novo.

Nessa relação, entre a História e o Cinema, podemos notar de que o filme começa a fazer sua intervenção, pois surge o questionamento em torno do estudo da História, onde nota-se a possibilidade sobre a sua comprovação, quais vantagens são ofertadas a quem interage com este tipo de conhecimento (YASHINISHI, 2020).

Assim, é possível imaginarmos que o cinema faz com que o estudo da história se torne uma ponte na formação do discurso historiográfico em sua reprodução no presente. Porém, não somente através de uma maneira superficial da busca por vestígios para se entender

determinado tema. O elo formado nessa perspectiva é de complemento para a História. Assim, o filme está presente em nosso cotidiano cultural e é notável a sua contribuição como meio de se conhecer a História.

Segundo Borges (2016) as interações e interferências que o cinema causa a História se tornam evidentes quando notamos a sua presença em nossa sociedade. De tal modo, o filme está presente em vários âmbitos, inclusive na prática docente, tornando-se acessível unir esses dois elementos do conhecimento em sala de aula através de práticas que em conjunto atuam uma em prol da outra.

O que podemos afirmar é que o filme se transformou em um recurso, cada vez mais, utilizado na elaboração de práticas pedagógicas em sala de aula. Uma obra cinematográfica fornece uma linguagem narrativa para o sentido histórico e, por vezes, ela passa a imagem de sua ação somente na contemporaneidade (BORGES, 2016). Porém, segundo o mesmo autor não é o que acontece de fato, pois para ele o que notamos é que, ao longo do tempo, o cinema e o filme em si, passam por reformulações, mostrando uma organização estrutural em torno da História. A narrativa é sobre a organização dos acontecimentos em torno do filme e a função dessa narrativa apresenta o discurso da organização estrutural.

Para (SILVA, 2004) o cinema dá início ao crescimento em massa dos meios de comunicação, ultrapassando o sentido somente de sua utilização como informação. Ele tem muito mais a oferecer. Assim, o cinema parte do pressuposto de que ele é um meio de comunicação. Porém, ele também deve ser considerado um objeto no qual se pode trabalhar através de pesquisas minuciosas, revelando o seu papel de transparecer os fatos a partir de um estudo delineado, com olhar crítico e, assim, estabelecer noções de realidade através da arte cinematográfica.

O cinema se tornou uma alternativa para o campo historiográfico e para o professor. Atualmente, a utilização do filme em sala de aula, desperta no aluno (a) o interesse pela História, conseqüentemente proporcionando o aprendizado através da prática pedagógica. Assim, o filme utilizado como uma ferramenta proporciona diferentes visões em torno do que é exibido, e, nesse sentido, a importância atribuída ao cinema se torna algo imprescindível.

Segundo Freitas (2012), em sua abordagem sobre o cinema, ele defende que essa ponte com a História se faz através do conhecimento. O filme já não é utilizado apenas como “passa tempo”. Ele desperta algum tipo de discussão, propõe uma didática inovadora e amplia o conhecimento do aluno (a) que, em sala de aula, passa a contar com um recurso complementar ao livro didático.

Podemos concluir que o cinema e a história vêm desenvolvendo relações cada vez mais profundas desde o surgimento do filme no século XX. Isso permitiu a intensificação de possibilidades de interação de transformar o cinema em fonte privilegiada para a História. De maneira que, o cinema através de seus filmes, pode ser utilizado para ensinar História, ou

melhor, veicular uma determinada visão da História. Por outro lado, o historiador pode estudar os usos políticos e educacionais que se tem mostrados possíveis através do cinema como de igual maneira dos professores de História podem utilizar o cinema para difundir o saber histórico e historiográfico (BARROS, 2007)

Assim, nas relações entre História e Cinema abre-se um importante campo de estudo, pois o próprio cinema com seus filmes serve de representação historiográfica. Dessa maneira devemos compreender que a relação entre eles possibilita intermináveis compreensões, isso porque o cinema é uma fonte aberta para compreender a realidade. Nesse sentido, ele se revela como campo promissor e favorável à História. O cinema, assim, abre para à história possibilidades de apresentar novas narrativas, proporcionando também novos debates acerca do trabalho do historiador para além do tradicional uso da escrita como narrativa.

O entendimento de que uma obra cinematográfica se torna um objeto de estudo para a História traz outro ponto importante de reflexão. Os resultados são animadores, pois ao utilizar o filme em sala de aula não necessitamos de uma ordem específica por onde começar, seja pela escolha da temática em si, ou a área do cinema que será trabalhado. A relação de ambos consistente em não interferir na abordagem narrada trazendo a possibilidade de que, independente do tema escolhido, a interação do Cinema com a História comprove a sua importância para o conhecimento.

### 3 O FILME COMO FONTE PARA A HISTÓRIA

Neste capítulo a proposta é apresentar o filme como uma fonte para a História. Dessa forma consideramos como elemento capaz de auxiliar o historiador na prática interpretativa de fatos históricos. Assim, considerar essa relação como um mecanismo para a construção e o fazer história.

Devemos lembrar que uma obra cinematográfica apresenta visões e abordagens variadas. Assim, ao longo do tempo, notamos que o uso dessa fonte vem ganhando espaço na historiografia e sendo utilizado como uma didática em sala de aula. Segundo o historiador José D'Assunção (2011) existem pelo menos três modalidades filmicas que podem ser utilizadas como fonte para o historiador: o filme com temática histórica, o filme com ambientação histórica e, finalmente, o documentário histórico. Essas modalidades podem ser resultado de produções encomendadas para a televisão, inclusive com apoio de instituições, o que torna complexo o seu uso como fonte se o historiador não atentar as particularidades que o filme e a produção cinematográfica apresentam.

A questão mais importante para o historiador que deseja trabalhar com o cinema é saber: o que a imagem reflete? Ela é um retrato da realidade ou uma mera representação do real? Finalmente, é possível manipular a imagem? Essas perguntas orientam a nossa busca por respostas sobre a relação do cinema com a história.

Porém, o filme utilizado na sala de aula fora do contexto do entretenimento pode servir como um material didático ao ensino? Ele apresenta-se como uma narrativa que procura estabelecer uma veracidade dos fatos, de modo que possa aprofundar e tratar determinado assunto pois é necessário que haja uma busca aprofundada para tratar determinado assunto.

Segundo Napolitano (2008, p. 240) o cinema foi o precursor do seu elo com a história como fonte de pesquisa para a aprendizagem escolar, tornando possível a interação da teoria com a prática da História. Outro ponto relevante é a questão do escravizado, o foco principal deste trabalho, pois o que se busca é tentar compreender, mesmo que de forma mínima, o seu olhar, a sua visão da experiência a que foi submetido, as consequências e restrições vivenciadas.

A História por si só estreita esse caminho fazendo com que a exploração de determinado tema possa ser feita através de pesquisa. Dessa maneira, o filme torna-se uma fonte para a história, segundo o mesmo (NAPOLITANO, 2008) antes da própria História descobrir o filme como fonte de pesquisa e meio de aprendizagem escolar. É notório o avanço das pesquisas através do emprego dessa fonte. E só assim posteriormente interagir em sala de aula como um processo de ensino e aprendizagem.

Para NAPOLITANO (2008, p. 240) também há três possibilidades que torna o filme

uma fonte histórica: o cinema na História, a História no cinema e a História do cinema, elementos que comprovam que o filme pode ser uma fonte de grande valor para a disciplina História. Associando a esse aspecto Napolitano aborda a fonte audiovisual como um tipo de documento que necessita de análise crítica acerca de sua veracidade:

O cinema não é apenas um importante meio de comunicação, expressão e espetáculo, que teve seu início e sua contínua evolução, mas, exatamente enquanto tal, mantém relações muito estreitas com a história, entendida como aquilo que definimos como o conjunto dos fatos históricos ou considerada como a disciplina que estuda tais fatos. (NAPOLITANO, 2008, P. 266)

Para ser considerado como fonte histórica, o filme deve apresentar uma série de informações, como a sua ficha técnica, que precisa ser pautada em informações verdadeiras, onde tudo que foi utilizado para a elaboração do filme desde dados técnicos, equipe, atores, direção, arte e trilha sonora, demonstram a veracidade para seu expectador.

Conforme discutido por BARROS (2011), o filme se torna uma fonte fílmica através de uma análise minuciosa, assim, ele irá fornecer ao historiador os mais variados contextos. Para isso, são criadas perspectivas através de análises contemporâneas. O autor também acredita que a parceria entre a História e o Cinema envolve intermináveis possibilidades a ser explorada pelo historiador.

O cinema não é apenas um importante meio de comunicação, expressão e espetáculo, que teve seu início e sua contínua evolução, mas, exatamente enquanto tal, mantém relações muito estreitas com a história, entendida como aquilo que definimos como o conjunto dos fatos históricos ou considerada como a disciplina que estuda tais fatos. (BARROS, 2011, p.4)

O filme permite que haja também uma reflexão histórica em torno do passado. Segundo Santiago Júnior (2010) isso acontece através da historiografia, quando um cineasta pode se tornar um historiador, assim como o cinema uma forma de trabalhar o passado. Um outro aspecto que torna o cinema fonte é a sua junção de articulações. Para (NAVARRETE, 2008) o cinema parte de um pressuposto da construção real do intermédio entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. O pesquisador, em sua análise minuciosa busca através da relação do cinema-história comprovar a contribuição e evidenciar o papel que o filme tem como fonte. Assim, ele traz para a história a evidência de fatos e a construção de argumentos

a partir de uma fonte não escrita, que exige a análise e observação detalhada dos aspectos em sua abordagem.

Desde que o cinema se constituiu em uma expressão artística, o debate metodológico apontou questões que envolviam a relação entre Cinema e História. Na década de 1920, alguns historiadores já consideravam o cinema como fonte do conhecimento histórico. Nessa década, o filme se transformou em documento histórico a partir de um grupo de historiadores que participaram do congresso internacional de ciências históricas, quando já se pensava na preservação de filmes em arquivos como documento.

Ao longo da década de 1950, um número cada vez maior de historiadores começou a reconhecer o valor histórico do filme. Foi, no entanto, somente em meados da década de 1960 que se iniciou, com mais ênfase, a discussão metodológica entre o cinema como fonte para o historiador. Para (SORLIN, 1974) isso se deve a criação e difusão da televisão que passou a ocupar um espaço doméstico envolvendo cada vez mais a sociedade e fazendo com que os cientistas sociais voltassem suas reflexões para a produção audiovisual.

A partir daí o cinema transformou-se no mais novo objeto da análise histórica, fazendo com que crescesse o esforço de se examinar com mais profundidade e atenção as questões relacionadas a utilização do cinema como fonte. Todo esse debate se constituiu um campo de investigação da chamada Nova História Francesa, entre eles destaca-se o historiador Marc Ferro que, em 1968, irá realizar uma crítica ao culto do documento escrito, chamando atenção de seus pares para o fato do surgimento de um novo tipo de linguagem que refletia também aspectos do conhecimento do passado (Marc Ferro, 1968).

Anos depois Niels Skyum Nielsen (1966) publicou na Dinamarca o primeiro livro cujo objeto central foi a crítica à fonte audiovisual. A década de 70 aumentou ainda mais a produção historiográfica voltada a explorar a relação entre cinema e história. De lá para cá a própria complexidade do filme ampliou ainda mais os debates acerca das novas fontes que o historiador precisava incorporar aos seus trabalhos históricos.

#### 4 A ANÁLISE DO FILME HARRIET, A PARTIR DO DEBATE DA ESCRAVIDÃO

Neste último capítulo o objeto de pesquisa será a análise do filme *Harriet*, como forma de aproximarmos a História e o Cinema, de modo que possa orientar o uso do filme no processo de ensino e aprendizagem de História, e para isso utilizamos o tema da escravidão. A escolha do filme *Harriet* como objeto de trabalho é que pretendemos despertar o interesse no aluno (a) sobre o tema da escravidão. *Harriet* é uma obra cinematográfica distribuída aos cinemas no ano de 2019. Ele foi dirigido pela cineasta Kasi Lemmons, que apresenta o mesmo como gêneros: ação e drama. Trata-se da biografia da estadunidense *Harriet Tubman*, uma mulher escravizada que narra a sua trajetória, e é estrelada pela atriz Cynthia Erivo, que também faz participação na trilha sonora do filme.

A obra aborda a história verídica de *Harriet Tubman*, uma ex-escravizada que se tornou uma ativista política durante a guerra civil americana (1861 – 1865), depois de escapar, em 1849, do cativeiro. *Harriet* ajudou centenas de escravos a fugirem do sul dos Estados Unidos, fazendo com que suas ações contribuíssem para que a história tomasse um novo direcionamento. Portanto, trata-se de uma obra ficcional, mas com fortes componentes extraídos da literatura histórica existente a respeito dessa personagem.

Os Estados Unidos da América, assim como no resto continente americano, adotaram a escravidão como modo de trabalho no período colonial. Nas colônias inglesas o comércio de escravizados começou em 1619, com negros trazidos da África e, vinte anos depois, essa mão de obra já era utilizada nas 13 colônias. Após a guerra de independência (1776) o Norte dos Estados Unidos aboliu a escravidão, enquanto o Sul a abolição só ocorreu durante a Guerra de Secessão.

Na sua biografia, *Harriet Tubman* fugiu da condição de escravizada na juventude dedicando-se ao combate da escravidão nos Estados Unidos, quando começou a palestrar em associações abolicionistas, auxiliando escravizados do Sul dos Estados Unidos na fuga do cativeiro.

Os historiadores sabem que *Harriet* nasceu na década de 1820, todavia desconhecem a data precisa de seu nascimento, isso porque os escravos não tinham esse registro. Sabe-se que com 5 anos de idade começou a trabalhar “alugada” para o vizinho de seu dono. Na infância, *Harriet* teve dificuldade com o tipo de trabalho forçado, o que lhe causou punições e castigos físicos. (SAMPAIO e ARIZA, 2019).

Durante a adolescência um fato marcou sua vida. No filme, ao ser questionada se havia algum ferimento ou cicatriz em seu corpo, *Harriet* relembra, com tristeza, o que lhe havia sucedido. Ao dirigir-se ao armazém local avistou um capataz perseguindo um negro que fugia, nesse momento se colocando entre o capataz e o escravizado foi atingida na cabeça por um peso lançado pelo capataz. O incidente lhe causou um ferimento grave, deixando como

sequela fortes dores de cabeça e crise de narcolepsia (doença que causa sono profundo durante o dia). Essa informação se encontra em textos históricos, mas não é apresentado no filme (SAMPAIO e ARIZA, 2019), daí a importância de se contrapor fontes diversas para construção da História.

Entre os anos de 1844 e 1845 *Harriet* casa-se com John Tubman, um negro liberto, 5 anos mais velho. Na ocasião ela muda seu nome de Araminta para *Harriet*, em homenagem a sua mãe, ou seria uma estratégia de fuga? Para a historiografia sobre a escravidão era comum que o fugitivo adotasse nomes diferentes do seu para dificultar o seu reconhecimento pelas autoridades. A mudança de nome era uma estratégia utilizada pelo escravizado, o que mostra o seu conhecimento sobre a realidade em que vivia.

Antes mesmo do casamento, *Harriet* descobre que o dono de sua mãe havia deixado um testamento que garantia a sua liberdade como da sua mãe. Dessa forma, ela nasceu livre, porém o seu proprietário ignorou e decidiu vendê-la. Por esse motivo *Harriet* decide fugir principalmente, depois da morte de seu proprietário, por temer que sua família fosse separada e enviada para o sul dos Estados Unidos. A separação de entes de uma mesma família, muitas vezes, era utilizada como uma forma de punir algum escravizado, mas frequentemente era mais fácil encontrarmos núcleos familiares de escravizados como uma maneira de se manter certo controle sobre o sujeito dominado.

Em 1849, *Harriet* foge com seus dois irmãos, porém eles se arrependem e retornam para seu dono. Entretanto, ela novamente empreende fuga, dessa vez, sozinha. Utilizando uma rede secreta de pessoas que auxiliavam a fuga de escravizados para o norte dos Estados Unidos, onde a escravidão não era mais permitida. Interessa-nos destacar a ideia contrária comumente apresentada pela historiografia da escravidão, que apresenta o homem como protagonista de rebeldias contra a situação a que estavam submetidos. Nesse caso, o filme nos alerta para o fato de que numa investigação minuciosa é possível encontrarmos mulheres que demonstraram a sua recusa em manter-se como escravizada.

SAMPAIO e ARIZA (2019), aborda, em sua pesquisa, a questão de mulheres que viveram na escravidão e se tornaram referências de lutas e resistência. O seu objetivo era refletir sobre narrativas de escravizadas. Para isso, elas escolheram duas obras que narram experiências de escravidão e liberdade de mulheres afro-americanas do século XIX: *Harriet Jacobs* e *Harriet Tubman*.

Segundo Sampaio e Ariza (2019) os relatos trazidos sobre a escravidão mostram que o processo escravocrata foi longo e penoso e que, para muitos escravizados, a morte seria um verdadeiro alívio, se não fosse pela preocupação com os filhos, como relatado por mulheres escravizadas que afirmam estar dispostas a enfrentarem o cativeiro em nome deles.

O cenário do filme se passa durante a chamada Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão, ocorrida entre 1861-1865. Assim, o contexto é de um momento conturbado de

conflito envolvendo estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos da América, numa guerra sangrenta. Uma das motivações para a guerra foi exatamente a divergência entre dessas duas regiões sobre a abolição da escravatura.

Para AMEUR (2013) a guerra serviu para dificultar ainda mais a situação do escravizado. No entendimento do autor, a escravidão impregnava a sociedade no sentido da perda de valores, inclusive cristãos. Assim, não havia alternativa para sustentar qualquer tipo de vontade própria do escravizado. E sua submissão se estendia desde a ausência do direito de aprender a ler e escrever até o de casar sem autorização do proprietário. O descumprimento de qualquer uma dessas questões resultavam em punições e castigos corporais severos.

A prática dessa violência contra o escravizado acarretava medo e revolta, ocasionando frequentemente fugas. É pertinente lembrar que os nortistas tinham vantagens sobre os sulistas, porque possuíam um maior contingente militar, uma economia mais desenvolvida e uma melhor infraestrutura. Com isso, o Norte passou a ser o local preferido para a fuga do escravizado que vivia no Sul.

*Harriet Tubman* tomou parte na Guerra de Secessão alistando-se no exército do Norte. Interessa-nos anotar sobre a dificuldade de a narrativa histórica revelar o papel da participação de mulheres em guerras. A essa altura Harriet tornara-se guia nas expedições no Sul e, por isso, ela teve papel importante na guerra. Ela trabalhou como espiã obtendo informações importantes sobre a movimentação dos confederados do Sul. Em 1863, *Harriet* liderou as tropas James Montgomery. Nessa expedição, as tropas do Norte destruíram os suprimentos dos confederados do Sul, libertando ainda cerca de 750 escravizados. Essa ação militar foi a primeira liderada por uma mulher na história norte americana.

Precisamos mais uma vez ressaltar de que quando analisamos um filme sempre é importante buscarmos outras fontes de informações que possam ser contrapostas para que tenhamos uma visão mais ampla do tema tratado. Essa saga empreendida por *Harriet* não foi transformada em imagens, mas somente narrada como um complemento no final do filme como se o diretor desejasse trazer um dado histórico já conhecido na História.

O escravizado sempre teve sua imagem associada a submissão ao seu dono. Legalmente, o escravizado não possuía direitos e, o uso de punições para demonstrar o poder sobre o escravizado, se processava pelo uso da força, como uma forma de reprimir qualquer tipo de movimento que pudesse se transformar em revoltas.

A questão da liberdade abordada no filme diz respeito ao fato de que: o escravizado deve ser emancipado ou os homens livres do Norte vão se deixar dominar pelas oligarquias escravocratas? Enquanto isso muitos escravizados por não suportar a realidade que viviam optavam pela revolta e pela fuga.

De acordo com (SAMPAIO E ARIZA, 2019) os relatos sobre a história e os feitos verídicos de Harriet Tubman são esses: Harriet de sua parte, não é personagem de uma narrativa que se vale do mesmo repertório simbólico de predicados femininos. Seu relato apresenta uma mulher rústica, de ação, que pouco demonstra sobre os próprios sentimentos e constantemente se engaja no embate aberto e frontal contra a escravidão. Harriet Tubman afirma-se, sobretudo, como uma mulher do mundo público, que militante política e encontra nos muitos escravizados, a possibilidade de criação de comunidade negros livres.

Nas cartas deixadas por *Harriet*, de acordo com SAMPAIO E ARIZA (2019), “[...] ela jamais fechava os olhos sem imaginar os homens a cavalo e os gritos das mulheres e crianças que eles arrastavam para uma escravidão pior que do que aquela que já conhecia”. A escravidão perseguia *Harriet* todo o tempo, como fica demonstrado no trecho da carta acima. Era um verdadeiro tormento que lhe afligia. As imagens de terror e perseguição a crianças e mulheres escravizados faziam parte dos pensamentos de *Harriet* e deles ela não conseguia se desvencilhar.

As autoras da biografia também afirmam que *Harriet* encontrou no casamento a possibilidade de garantir sua liberdade. Essa questão, no entanto, no filme, ganha uma dimensão ainda mais complexa, isso porque o seu proprietário estava determinado em não lhe conceder a alforria. Talvez um roteiro encontrado pelo diretor com a intenção de prender o espectador dentro do roteiro do filme.

Quando ela se casou John Tubman, homem livre, acreditava que essa liberdade seria extensiva a ela. É fato de que ele poderia ter casado com uma mulher livre, porém, ele escolheu alguém abaixo dele na hierarquia social, o que demonstrava ter fortes sentimentos pela escravizada. Porém quando sua esposa lhe sugeriu fugir para a Filadélfia, estado onde não existia mais a escravidão, seu marido não concordou com a ideia da fuga, inclusive ameaçando-a de entregar-lhe as autoridades. Mesmo assim, *Harriet* resolveu fugir sozinha.

Mais um relato deixado por *Harriet* foi apresentado por SAMPAIO e ARIZA (2019), onde ela diz

[...]. Eu havia cruzado aquela linha. Eu era livre; mas não havia ninguém para me receber na terra da liberdade. Eu era uma estranha em uma terra estranha, afinal, meu lar era em Maryland, onde estava meu pai, minha mãe, meus irmãos e irmãs, e meus amigos. Mas eu era livre e eles também deveriam ser, eu faria do Norte. O meu lar para poder trazê-los. (SAMPAIO e ARIZA, 2019, P. 13)

A frustração de *Harriet* não parece ter lhe abalado, pelo contrário, ela iria encontrar forças para lutar pelos irmãos escravizados. A partir desse momento ela se associa a

movimentos abolicionistas e durante mais de uma década ela retornava ao estado onde fora escravizada, correndo o risco de ser presa, com o intuito de libertar o maior número de escravizados.

No filme as estratégias para se furtar ao cativeiro não aparecem com frequência, embora, na sua biografia as autoras mostram o uso de táticas empregadas por *Harriet*, como o roubo de cavalos de fazendeiros, com intuito de desviar a atenção de proprietários de escravizados e o uso de soníferos para que as crianças não chorassem durante a fuga.

Depois da Guerra de Secessão, *Harriet* se engajou em diversas causas com o objetivo de garantir a inserção dos afro-americanos na sociedade. Ela também defendeu questões ligadas ao movimento feminista e também liderou uma série de obras de caridade. Apesar de todo sofrimento vivido desde a sua infância *Harriet* viveu 93 anos falecendo em Auburn no dia 10 de março de 1913. Interessante percebermos que na sala de aula, após o fim do filme, professores e alunos podem avançar nos estudos sobre a situação dos negros ex-escravizados após a abolição, a procura de um lugar para eles na história não só dos Estados Unidos da América, mas em todos os lugares onde a escravidão foi experimentada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme *Harriet* permite com que possamos estudar a temática da escravidão através da abordagem cinematográfica. O nosso objeto de pesquisa conseguiu atender a proposta inicial de estabelecer uma relação entre História e Cinema. É evidente que além dos filmes temos de recorrer a outras fontes históricas.

Assim, acreditamos que a importância da fonte audiovisual ficou evidenciada. O uso do filme em sala de aula deve ser empregado de modo que chame a atenção do aluno (a) para o tema a ser estudado em sala de aula. Vivemos em uma sociedade onde as imagens são fundamentais para a comunicação e compreensão do mundo educacional em formação.

A ideia era de aproximar o cinema da história e assim relacionar essas duas narrativas distintas. A prática historiográfica é muito importante para a construção de qualquer tipo de discussão e nos mostra como a História é dinâmica permitindo trabalhar com outras instâncias do conhecimento.

Trabalhar com o filme *Harriet* foi desafiador, pois a obra reúne aspectos importantes e permitem reflexões necessárias sobre o passado e o presente. Isso porque o filme oferece uma narrativa audiovisual sobre o tema da escravidão visto por aquele que a viveu e ambientado no espaço geográfico onde a escravidão. A nossa ideia era despertar o debate em torno da escravidão, porém através da junção da linguagem cinematográfica com a linguagem histórica.

Assim, entendemos que o filme é uma ferramenta que tende a expandir a didática do professor ao incorporá-lo o filme como um recurso da aprendizagem. Nossa intenção sobre o uso do filme foi torná-lo uma fonte válida para se trabalhar com a disciplina História.

## REFERÊNCIAS

- AMEUR, Farid. **Guerra da Secessão**. 1. Ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. 69 p.
- BARROS, José de Assunção. **Cinema e História: Considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas**. Comunicação & Sociedade, 2011. 28 p.
- BIANCHI, Alvaro. **Lincoln, Marx e a guerra civil nos Estados Unidos**. 2014. 26 p.
- BORGES, Ítalo Nelli. **A história cinéfila: Integrações entre linguagem cinematográfica e produção do conhecimento histórico**. 2016. 14 p.
- DAVSON, Felipe Pereira da Silva. **O cinema como fonte histórica e como representação social: Alguns apontamentos**. 2017. 11 p.
- FREITAS, Enio de. **História e Cinema: Encontro de conhecimento em sala de aula**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 175 p.
- JESUS, Altair Reis de. **O cinema como registro histórico da sociedade**. 12 p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Escritos sobre a guerra civil americana**. Londrina, SP: Aetia. 2020. 186 p.
- NAPOLITANO, Marcos. **Fontes Históricas: Fontes Audiovisuais – A história depois do papel**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. 304 p.
- NAVARRETE, Eduardo. **O cinema como fonte histórica: Diferentes perspectivas teórico-metodológicas**. 2008. 7 p.
- OLIVEIRA, Nice Rejane da Silva. **Cinema e Ensino de História: Metodologias e práticas docentes**. 1. Ed. Mogi Guaçu, SP: Bookbec, 2021. 111 p.
- PEREIRA, Ione A. M. Castilho; KARAWEJCZYK, Mônica. **O filme como fonte histórica para o historiador**. Um estudo de caso: ‘Memórias Póstumas’ de André Klotzel. 2008. 10 p.
- RAMOS NETO, Luiz Araújo. **Cinema e História: O uso de filmes no ensino de História**. 2016. 10 p.
- REALI, Noeli Gemelli. **O filme como documento histórico**. 33 p.

SAMPAIO, Maria Clara Carneiro; ARIZA, Marília B. A. **Narrativas de mulheres escravizadas nos Estados Unidos do século XIX**. São Paulo: Estudos Avançados, 2019. 20 p.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. **A história nos filmes, os filmes na história**. 2010. 5 p.

SILVA, Priscila Aquino. **Cinema e História: O imaginário norte americano através de Hollywood**. 2004. 18 p.

SILVA, Wesley Nascimento. **Estados Unidos (1865-1917): De nação dividida a potência imperial continental**. 27 p.

YASHINISHI, Bruno José. **A relação Cinema-História: Fundamentos teóricos e metodológicos**. Em tempo de Histórias, 2020. 15 p.

<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/harriet-tubman.htm>

(Site visitado no dia 20/07/2023)

<https://www.papodecinema.com.br/filmes/harriet/>

(Site visitado no dia 20/07/2023)

<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/livro-da-ex-escravizada-harriet-ann-jacobs-detalha-perversidade-da-escravidao.htm><https://www.amazon.com.br/Harriet-Tubman-Mois%C3%A9s-sua-Gente/dp/8594447051ml>

(Site visitado no dia 20/07/2023)

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-237491/>

(Site visitado no dia 15/10/2023)

<https://frasesinspiradoras.net/frases-de-autores/harriet-tubman-20562>

(Site visitado no dia 15/10/2023)

<https://pensamentosefrases.com.br/harriet-tubman.html>

(Site visitado no dia 15/10/2023)